

«O RENDER DOS HERÓIS» NO IMPÉRIO

Quando se publicou em 1960 a narrativa dramática em três partes e uma apoteose grotesca. O render dos heróis, de José Cardoso Pires, escrevemos algures: «Narrativa dramática é a apropriada classificação que J. C. P. deu ao seu novo trabalho literário, aparecido sob forma de livro, considerando as dificuldades que teria qualquer visionário de teatro ou pioneiro de um teatro novo para o erguer em qualquer palco».

Contudo — dissemos — para o tema, para a objectividade e cristalização de ideias do autor, cremos que é realmente o processo dramático utilizado pelo autor o mais adequado. Tal como a crónica da Guerra dos 30 anos, nos 12 quadros onde a Mère Courage vai esfrangalhando a sua vida, esta narrativa marca a evolução dos acontecimentos no Alto Minho, em 1846; fixa-se até em locais que entraram nas crónicas (Vilar, Amoreira, Lanhoço, etc., revive ou

evoca personagens e tipos (desembargadores, barões e baronesas, fiscais de impostos, bacharéis, etc.) e sugere outros, organiza um final de sátira «em grande», farândola de titeres, de protótipos, de exemplares famosos que... é do mais conscientemente bem imaginado até hoje trazido ao teatro português. De uma mordacidade e sátira que Alfredo Cortês não conseguiu plenamente nos Gladiadores, por ser limitado o seu objectivo directo, O render dos heróis é das primeiras — senão a primeira — tentativas para levar o teatro moderno português a cooperar na desmistificação do próprio teatro. Aquele período das guerras miguelistas, do cabralismo, das voltas e reviravoltas dos interesses e... ideais, época tão pitoresca (vista à distância de mais de um século) e cujos episódios justificaram as trovas e romances e versos dos cegos das feiras e romarias com a enumeração fantástica dos acontecimentos, foi aproveitado pelo autor, como já o fora para operetas e dramas mais ou menos históricos ou baseados na Maria da Fonte, mas aproveitado com uma técnica nova, exemplo tentativa dos processos dramáticos do teatro de hoje. As intervenções da poética nacional, que em cena teriam ainda a participação de música elucidativa, seriam completadas com os jogos de luzes, necessários à marcação dos contrastes dos vários locais e cenas. É no descritivo destes locais e dos ambientes necessários para a sucessão dos acontecimentos que (no livro) se aplica a faceta do novelista, agora completamente entregue ao labor

(Continua na pág. seguinte)

(Continuação da pág. anterior)

dos diálogos e das falas das personagens. Queremos acentuar que o literato se entregou quase por completo à obra dramática, na esteira aliciante e difícil dos Dürrenmatt, dos Brechts, dos Genets e repudiou fazer literatura teatral, de crochet caseiro, para «matar o tempo... e distrair os burgueses.

Compreende-se que uma Companhia de Teatro Moderno, que levou à cena, O Professor Taranne, Humilhados e Ofendidos, Os 3 Chapéus Altos, se sentisse atraída para as dificuldades de um tal texto, prestando triplo serviço ao teatro contemporâneo... ao levá-la à cena; mostrar as possibilidades técnicas da encenação; lançar um autor, celebrizado noutra género literário; e servir de experiência laboratorial ao próprio autor.

Ele, ao ver de «pé» a sua narrativa dramática, terá aprendido onde lhe falhou a mão de homem de teatro, qual o valor dos tempos, e duração das falas, e as passagens em que a incisão das ideias escapa sob a composição exterior das figuras. Talvez pondere sobre a falta de um fio mais consistente a ligar a sucessão dos episódios que exigem assim maior concentração de inteligência, para poder ser saboreada a profundidade e universalidade da sátira sobre os heróis... a dias, da História.

Para um ambicioso encenador a prova era de finalista de curso superior. Fernando Gusmão venceu-a; criou um espectáculo notável, com momentos plásticos de excelente composição. Mas onde o seu engenho esteve mais à prova foi no concatenar dos curtos capítulos da novela dramáti-

DEPOIS DAS NOV

ca, conseguindo que fossem mínimos os intervalos de paragem, na escuridão, para as deslocacões necessárias no tempo e local. Talvez preferissemos qualquer apontamento de casario, ou um cruzeiro, na cena do escrivão, passada no terreiro do povoado; assim, só com o ciclorama fica no «vago». Mas, consideremos quão difícil era não asfiziara as ideias do autor.

Finalmente, um desempenho

não menos difícil de tornar homogêneo: era imprescindível salientar os traços grotescos na justa medida. E, no geral, pode considerar-se muito lisonjeiro o resultado obtido. As interpretações destacantes de José Amaro, Rogério Paulo, Rui de Carvalho, com Maria Cristina e Fernanda Alves também em saliência, foram logo seguidas pelas de Tomás de Macedo, Jaime Santos e Maria Schulze. Carmen Dolores e Fernando Gusmão foram complementares, não aplicando, por descessário, todo o seu valor; Luis Cerqueira ultrapassou o tom, Ângela Ribeiro destoou para o «fininho». Rui Mendes, Armando Caldas, Carlos Cabral, Moraes e Castro, com Fernando Soares, António Sarmiento, Alexandre Passos, Luis Alberto, Duarte Manuel e Clara Joana completaram a distribuição.

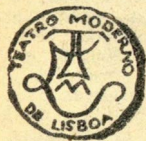
Octávio Clérigo desenhou os figurinos e os cenários sob a vigilância e o acordo, certamente, do autor. Carlos Paredes interessou-se pela música.

Algumas amputações ligeiras no texto e algumas novi-

dades na parte satírica, como seja a movimentação do retrato do Saldanha durante a sessão da junta.

Total: espectáculo moderno, por uma companhia que, com muita consciência, tem orgulho de ser moderna e contribui no seu pequeno sector para que o teatro em Portugal também o seja.

A. P.



TEATRO
MODERNO
DE LISBOA

(Subsidiado pela Fundação Gulbenkian)

HOJE, AS 18 e 30

A PEÇA DE

JOSÉ CARDOSO PIRES

«O RENDER
DOS HERÓIS»

(Adultos)